**RITUAIS DE LUZ**

**A PINTURA DE BRANISLAV MIHAJLOVIC**

**Maria João Fernandes**

"A arte (...) não é uma imitação, mas uma descoberta da realidade."

Ernst Cassirer - "A Arte" in: *Ensaio Sobre o Homem*.

Para Mircea Eliade o grande historiador romeno das religiões o homem moderno perdeu a capacidade de dialogar com os mitos. Segundo Edgar Morin que reflecte sobre esta questão **(1),** "O problema não está em suprimir os mitos ou a religião, mas em dialogar com os mitos, professar um novo tipo de religião que nos una uns aos outros, que possua uma dimensão mística e sagrada da existência, porque a nossa faceta não mística e não sagrada deve dialogar, a nossa consciência e a nossa racionalidade devem dialogar com essa dimensão sagrada." A arte tem em grande parte assumido junto dos nossos contemporâneos o papel do Sagrado como fonte essencial de sentido e de energia, ela mesma representando um elo privilegiado com essa dimensão que no século XX inspirou pintores da estatura de um Rouault, de um Chagall ou de um Matisse. A arte sendo ela mesma uma via de eleição para a interrogação e o entendimento dos mistérios e das maravilhas da existência tornase o veículo de um diálogo renovado com o Sagrado.

A pintura do artista sérvio **Branislav Mihajlovic** situa-se precisamente nesse plano de uma profundidade arquetipal que nas margens do seu silêncio e da sua meditação, da sua contemplação nos remete para o limiar do indizível, de um silêncio pleno de evidências, território do mito e do Sagrado. Artista precoce, completou os seus estudos de arte em 1986 na *Academia de Belas Artes de Belgrado* aos quais se seguiu a realização de um Mestrado em pintura. Viajando pela Europa acabou por fixar-se por dois anos na Holanda e por se radicar no nosso país desde 1992, onde expõe individualmente desde 1994. A sua experiência é tanto mais eloquente e emblemática de uma "démarche" do homem contemporâneo despojado da sua metade simbólica quanto parece não pertencer à área do consciente, mas a um secreto domínio que vai emergindo das sombras da razão invasora e avassaladora para afirmar subtil e fatalmente o seu poder.

Branislav cresceu sem qualquer formação religiosa e só bastante tarde leu a Bíblia em busca das referências fundadoras da história de arte universal. O que parecia uma pesquisa meramente cultural deixaria no entanto traços mais fundos do que o previsto. A palavra bíblica foi portadora não apenas de sentido, mas de um fulgor capaz de atear as chamas de um segredo guardado nos mais fundos recessos do espírito e do coração.Esse calor e essas chamas são os de uma luz e de um conhecimento, uma sabedoria antiga que se traduz em símbolos e motivos arquetipais no conjunto de pinturas que nos apresenta actualmente e que surgem de mais longe, de outras etapas da viagem que tem vindo a empreender rumo às suas raízes, às raízes do Ser. Numa exposição de 1997 **(2)** reuniram-se temas e imagens estruturantes deste universo, oscilando entre o humano e o divino, o visível e o invisível, o dizível e o indizível.

No grande quadro com título **"Iconostasis**" (1995), em madeira, metal, resina e folha de ouro, assistimos a uma tentativa de realizar uma iconologia do humano, diversas raças, diversas idades, os dois sexos, rostos sem expressão e no entanto inquiridores, perscrutando os limites de uma condição precária e banhados por uma atmosfera dourada de ícone suspenso entre dois tempos e duas fronteiras que afinal se fundem sob a acção alquímica do ouro tranfigurando o desenho precioso em pura luz, quase aparição de uma beleza perturbadora e cintilante do jovem em primeiro plano. Em outro **"Grande Iconostasis**", um imenso políptico de 48 peças, óleo, folha de ouro e madeira, os pedaços de madeira espalhados pela tela unem-se evocando a cruz sobre um limiar negro, imitação da noite profunda, apelando a uma transfiguração. Humanidade igualmente evocada, numa iconografia claramente contemporânea, fotografias de personagens fixadas num instante de absurdo e perplexidade. Experiência do Sagrado enquanto desejo e ausência, apelo mudo que a si mesmo se ignora.

O pintor aventura-se no pórtico de um silêncio antigo em interiores de conventos inundados por uma claridade fantasmática, de outro mundo, que se derrama em sombras que persistem e guardam o seu mistério. A mágica pincelada tem o corpo da luz e das sombras que a perspectiva parece prolongar até ao infinito. Arquitecturas do sonho e das sombras, arquitecturas de uma luz assombrosa, como uma visão que prolonga o real e lhe confere a profundidade do invisível. Na série dos conventos, do **"Templo d'ouro - Tempo de ouro"** a poalha dourada é a iridescente irradiação do Sagrado, laço entre o humano e o divino, como a cruz que se perfila solitária, velando, árvore ancestral, sobre as colunas de ouro.

Alquimia, com a sua fase negra da **"Entrada Negra",** conquista da eterna luz do espírito que o altar ao centro da apoteose de luz concentra ouro e madeira, os pedaços de madeira espalhados pela tela unem-se evocando a cruz sobre um limiar negro, imitação da noite profunda, apelando a uma transfiguração. Humanidade igualmente evocada, numa iconografia claramente contemporânea, fotografias de personagens fixadas num instante de absurdo e perplexidade. Experiência do Sagrado enquanto desejo e ausência, apelo mudo que a si mesmo se ignora. O pintor aventura-se no pórtico de um silêncio antigo em interiores de conventos inundados por uma claridade fantasmática, de outro mundo, que se derrama em sombras que persistem e guardam o seu mistério. A mágica pincelada tem o corpo **(“Escada”** - 1996). Caos, ausência do Sagrado nas ruínas negras, nas cidades damelancolia, despovoadas e êxtase da presença no cântico de uma natureza devolvida à alegria do começo em paisagens luxuriantes e iluminadas **(“O grito”**-1997), nos mares de assombrosa sensorialidade em cambiantes de luz nocturna e diurna de esplêndida beleza habitada **(“Contando os Anjos”** - 1996; **“Travessia do mar”** - 1997). Caminhos de ouro, todos conduzindo a uma presença inominável, a uma presença do Ser, pousando na carícia da tarde sobre os frutos, adormecendo no perfume do pão em interiores de uma austeridade conventual, verdadeiros altares para um divino humanizado.

A belíssima exposição de 1997 termina com uma magnífica tela em gradações de cinzas e brancos, sugerindo a mesa da comunhão, o pão, o vinho e a cruz, culminação de um ritual de aproximação do Sagrado. As exposições seguintes dão continuidade aos temas e obsessões estruturantes deste universo que vão ganhando um sentido organizados por uma lógica oculta. Carris, pedras - 2003 (a pedra, imagem recorrente pode simbolizar a alma) **(3)**, evocam a viagem e o seu arquétipo, o êxodo bíblico que deu o título a uma tela de 2000 e é sugerido nas diversas imagens da **"Vara de Moisés"** associada ao mar (1997). Viagem cuja terra prometida parece ser a pátria de um espírito que deseja a luz inicial, totalidade perdida de uma relação com o divino e com uma natureza devolvida ao seu esplendor.

**Do Humano e do Divino**

"(...) o homem foi criado para participar activamente do espírito divino"

Titus Burckhardt - *Alquimia*.

Na exposição **Milagres e Aparições (4)** telas despojadas corporizam grandes atmosferas de luz, paisagens irreais, de uma realidade mais real, povoada de pequenos símbolos que são marcos no universo da alma, pedras na luz, livros de uma sabedoria ancestral, marcas no mapa de uma geografia interior, mais depurada agora, quase até à abstracção, reduzida a um ímpeto, a uma sede de luz, a uma escalada, abertura da visão de que fala Maria Zambrano: "Tudo é revelação, tudo o seria se fosse acolhido em estado nascente. A visão que chega de fora, rompendo a escuridão do sentido, a vista que se abre, e que apenas se abre verdadeiramente se sob ela e com ela se abre ao mesmo tempo a visão. (...) Acendese assim, quando em liberdade a realidade visível se apresenta em quem a olha, a visão como uma chama. (...) A chama que purifica simultâneamente a realidade corpórea e a visão corporal também, iluminando (...)" **(5**) Uma passagem da grande poeta filósofa espanhola que o misterioso quadro de Branislav “A Vela” (2006) poderia perfeitamente ilustrar.

As incisões de uma gramática de símbolos depurada, evocadora do homem, sobre uma matéria plástica densa e vibrátil lembram Tàpies, referência fundamental. Uma poética do espaço interior sob o signo do livro, ícone de uma

concentração de energias do espírito, de uma travessia de universos, de fronteiras, de tempos. Do livro nasce uma floração de novos signos para escrever e sobretudo para Ser na totalidade de uma abertura do homem ao Sagrado, património arquetipal da natureza e da sua natureza. Acompanha o livro a escada de Jacob, outro motivo conciliador do humano e do divino, simbolizando uma ascensão espiritual, ou o bordão de Moisés numa clara e repetida invocação à viagem como descoberta de novos territórios da alma.

As sandálias, noutras telas, são ainda um apelo à viagem, a que se associam, em belíssimo tríptico sobre fundo azul, o bordão e a escada. Noutro tríptico, jactos de luz em fundos terra e ocre envolvem a simbologia recorrente: o bordão, o livro, ícone de sabedoria e receptáculo de tesouros do espírito, a mão com sentido cosmogónico e em colagem, os Cristos da nossa iconografia popular. Atmosferas escorridas, luminosos oceanos de turquesa submersa, nas imagens da água, líquida imensidade íntima, clarões diáfanos de um calor palpitante de rosas e perfumes, chuva de lilases matutinos, constroem com austeridade e beleza inauditas uma nova, sóbria e contida imagem para o Sagrado nos nossos dias. Imagens de uma espiritualidade maior, de um vazio cheio de ecos de uma música dos anjos, das flores, do mar (conotando a vida, o nascimento, a criação) e das fontes azuis, espiritualidade e sensorialidade em núpcias felizes, balsâmicas. Em “Caminhando sobre a Água” de 2005, a alusão é clara a uma passagem do Novo Testamento, mas permanece o plano da sugestão, sobre o da representação, que enriquece o conteúdo e poetiza a mensagem.

A alquimia preenche o espaço, é a lembrança de uma natureza feliz e sonhadora, éden devolvido á civilização em **“As Flores para a Minha Amada”** de 2005. Luvas vazias estão plenas de uma virtualidade de gestos criadores, de carícias, em novos rituais de luz e de amor. Rituais de amor e de solidão, de presença e de ausência, nas grandes salas (2006) povoadas de uma luz branca, quase submarina, diáfana, que não parece deste mundo e que no entanto é o radioso ícone de um desconhecido maravilhoso, de uma sensorialidade aberta ao mistério, cintilação de uma presença anunciada.Ausência perturbadora nas casas abandonadas (ainda de 2006) apelando à alquímica transição das trevas para a luz, a uma vida mais viva, queo pão, alimento do corpo e da alma, evoca nos interores desabitados, pequenos templos de um humano que se oculta no véu de metáforas subtis, numa paz levemente ameaçada.

A perturbadora série da **“Cama”** (2006) fala desta ausência parecida com a morte, imagem possível de um eclipse do ser, de uma fuga da alma, de uma ocultação que a pintura pretende conjurar. Ausência e espera, que o banco de pedra poeticamente corporiza, no jardim de uma Primavera que não chegou a florir. Enquanto **“A vela”** (2006) nos oferece a presença, estremecimento que se recolhe no esplendor silencioso da beleza que não morre, de um amor que não dorme sem antes arder na suave irradiação do seu calor. Amor sem destinatário determinado, a não ser toda a humanidade, amor que nasceu da ausência e da impossível solidão,que deambulou em ruínas, em cais de nenhumap arte, em cidades mudas e frias como o Inverno da alma e que talvez, ao calor de um novo mar, de um novo lar, de uma nova cálida paisagem, a nossa, bem portuguesa, solar e aurífica, como um novo livro de Deus, recuperando a própria e desconhecida herança perdida, vemos abrir-se em sorrisos de luz quente, em marinhas clareiras do paraíso na sublime pintura de Branislav Mihajlovic.

***Notas:***

*1. Morin, Edgar in: Mircea Eliade O Reencontro com o Sagrado. Edições Nova Acrópole, Lisboa 1993, pág. 5.*

*2. Cf. Catálogo de Exposição de pintura de Branislav Mihajlovik - Galeria Municipal da Mitra, Lisboa, Fevereiro a Março de 1997.*

*3. Chevalier, Jean e Cheerbrant, Alain - Dictionnaire des Symboles - Ed. Seghers, Paris 1974. pág. 9: "A pedra e o homem apresentam um duplo movimento de subida e de descida. O homem nasce de Deus e regressa a Deus. A pedra bruta desce do céu; transmutada , eleva-se para ele."*

*4. Galeria Nuno Sacramento – Aveiro, Março 2006.*

*5. Zambrano, María - "A Visão - a Chama" in:Clareiras do Bosque, Editora Relógio de Água, Lisboa, 1995, pág. 55.*